

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

**O corpo como
linguagem**



ISSN 1676-51419



9 771676 514214 00024



**Jogos
Pan-americanos**
Uma conquista
da **PREFEITURA**.
Uma vitória
do **RIO**.

NÓS DA ESCOLA

ano 3 nº 24

2005

editorial

Por uma mídia de qualidade **4**

cartas

Acervo, Tabuada, Educação Física, Jogos e Ditado **5**

ponto e contraponto

Desconstruindo o sexo **6**

atualidade

Células-tronco: esperança e polêmica **9**

Parcerias público-privadas **11**

pé na estrada

Histórias muito especiais **13**

zoom

Por alguma forma de controle **16**

capa

Corpo que fala **18**

artigo

Adolescência **24**

carioca

Cultura, esporte e muita diversão **25**

professor on-line

O lugar da juventude na prefeitura **27**

caleidoscópico

Maria Clara Machado **28**

olho mágico

Todas as dimensões da 7ª CRE **30**

8ª CRE: união e cooperação **31**

rede fala

O desenho na Educação Infantil **32**

agenda

Cursos, seminários, exposições **33**

tudoteca

Dicas de livros, filmes e vídeos **34**

cartaz

Calendário

giramundo

Adaptação escolar



Empresa Municipal de Múltiplos Meios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ

CEP 22260-210 - www.multirio.rj.gov.br ouvidoriomultirio@perj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Cesar Maia Prefeito • Sonia Mograbi Secretária Municipal de Educação • Regina de Assis Presidente da MULTIRIO • Maria Inês Delorme Diretora de publicações e jornalista responsável (MTB. 22.628) • Éliada Vaz Assessora de comunicação e ouvidora • Antonio Castro Assessor artístico • Guaira Miranda Gerente de multimídia

Equipe de produção: Cristina Campos e Joanna Miranda Conteúdo • Leonardo Simmer Amorim e Marcelo Rocha Reportagem • Martha Neiva Moreira Edição • Alberto Jacob Filho Fotografia • Marcus Martins Ilustração • Guaira Miranda e Luciana Gobbo Projeto gráfico • Ana Cristina Lemos Diagramação • Nancy A. Soares Revisão • Elias Moraes Produção gráfica • Arte da capa a partir de fotos de Alberto Jacob Filho e Antonio Castro • Capa: Bonecos produzidos pelos alunos da professora Maria Eloá Moreira do Núcleo de Arte Avenida dos Desfiles/1ª CRE

Esdeva Indústria Gráfica S/A Impressão CTP • Tiragem 36.500 exemplares

Por uma mídia de qualidade

Televisão ligada, anúncio na tela, professor e alunos debatendo em sala de aula. Parei na porta, fui convidada a entrar. Ali se realizava mais uma prática daquele mestre em discutir, com suas turmas, temas contemporâneos.

Explicou que costumava utilizar trechos de programas de TV e até mesmo anúncios, além de revistas, jornais e outros impressos para tratar de assuntos como drogas, sexo e comportamento em geral.

Era uma escola localizada em região de baixa renda, com muitos desafios, e ficou patente o interesse da turma. A análise ali realizada despertava os jovens para um olhar crítico sobre o que vêem, lêem e ouvem na mídia.

Lembrei desta cena quando, na 4ª Cúpula de Mídia para Crianças e Adolescentes, estes leram sua Carta, expressando a necessidade de unir esforços para uma mídia de qualidade levando cultura, entretenimento e educação para toda população.

Tratando de questões como a definição de horários quanto à veiculação de conteúdo erótico, violento ou que incite ao uso de bebidas e drogas, preocupados com a definição de medidas e programas para evitar o acesso de crianças e adolescentes a conteúdos pornográficos na Internet, os adolescentes, em sua Carta, definiram como prioridade a produção de mídia de qualidade, e afirmaram: “Somos o presente que constrói o futuro”.



Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação



Acervo

A revista **Nós da Escola** vem dando prestimosas contribuições ao fazer pedagógico e eu adoraria que um de seus próximos números fosse dedicado à orientação de como os professores podem desenvolver trabalhos interdisciplinares, por projetos, tendo como base a matemática.

Ana Teresa Corrêa

Professora de Matemática do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro

N. da R.: Prezada professora, colocaremos sua sugestão em pauta.

Tabuada

Tenho dificuldades de aprendizagem e estudo numa escola particular no Rio de Janeiro. Quero saber se tem um jeito mais fácil e não tão chato para vocês darem dicas aos professores para quando forem ensinar tabuada para os alunos.

Luisa Oliveira

Estudante da Escola Profissional do Colégio Eduardo Guimarães

N. da R.: Sabemos que essa é uma questão que se repete ao longo da vida escolar dos alunos. Prometemos não esquecer do seu pedido quando a revista tratar do tema. Mas já há muito material disponível na rede sobre o ensino da matemática e também para alunos com necessidades educativas especiais.

Educação Física

Qual a possibilidade de a MULTIRIO produzir materiais didáticos relativos à Educação Física para professores e alunos da 1ª série à 4ª série?

Marcia Regina de Sá Nogueira

Professora da Escola Municipal Maria Florinda (7ª CRE)

N. da R.: Produzir material para alunos é uma meta da MULTIRIO a ser atingida nos próximos quatro anos.

Jogos

Por que a MULTIRIO, que produz materiais tão maravilhosos para os professores, não se dedica também a produzir jogos e materiais dedicados aos alunos?

Adriana Jordão de O. Borba

Professora da Escola Municipal Marechal Canrobert Pereira da Costa

N. da R.: Em 2004, o Núcleo de Publicações produziu o jogo Click TV, já disponível em todas as escolas da rede que atendem alunos a partir da 5ª série. Nossa intenção é dar prosseguimento a produções como esta.

Ditado

Eu detesto ditado. Escrevo, escrevo, escrevo e o professor corrige! Essa revista, que é feita para os professores, minha mãe lê em casa. Pode pedir para ninguém mais fazer tanto ditado assim?

João Victor B. Castro

Estudante, 8 anos, 2ª série

Errata

A escultura em areia que ilustra a capa da revista **Nós da Escola** n° 23 é de autoria de Robson Da Lua.



Escreva para o Núcleo de Publicações da MULTIRIO:

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - Cep 22260-210 -

Rio de Janeiro, ou mande um e-mail para dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br

Visite nosso site www.multirio.rj.gov.br

Desconstruindo o sexo

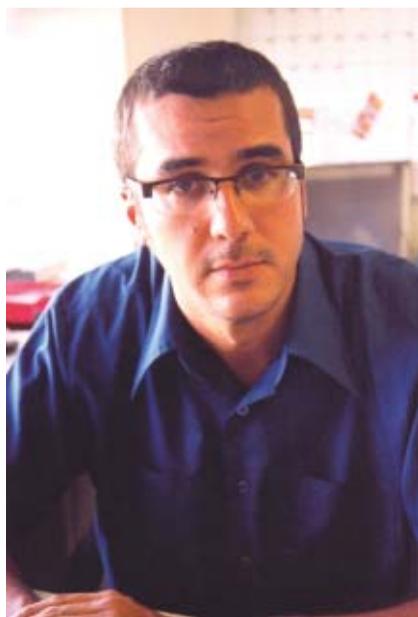
Diretor de programação da MTV Brasil, o paulista Zico Góes acredita que **a questão da sexualidade deve ser desmistificada na televisão** brasileira: “É preciso tratar desse tema sem meias palavras”. Prata da casa, ele está há 13 anos na emissora que tem a música e o jornalismo como base de sua grade de programação e é sintonizada, segundo o Ibope, por cerca de 16 milhões de domicílios de norte a sul do país. Jovens e adolescentes, entre 15 e 29 anos, são seus públicos-alvo. Ciente da responsabilidade de dialogar com essa parcela da população, Góes ressalta a abordagem de questões socialmente relevantes não só durante a programação, como também no conteúdo editorial da emissora. “É uma preocupação desde o início da MTV”, adianta. Confira, a seguir, entrevista concedida à **Nós da Escola** durante o III Encontro Internacional de Televisão, evento promovido pelo Instituto de Estudos de Televisão (IETV) entre os dias 25 e 26 de novembro, no Arte Sesc, no Flamengo, e que reuniu grandes nomes da TV mundial.

Por meio de sua programação, a MTV mostra uma preocupação constante com a sexualidade de seu público-alvo, os jovens e adolescentes. Como surgiu isso?

É uma preocupação desde o nosso início e partiu de uma missão editorial da família MTV como um todo, não só no Brasil. Fazendo um rápido adendo, a programação da MTV não se resume só aos seus programas. Costumo dizer que a programação também está no conteúdo institucional, como brincadeiras com o logotipo da empresa e vinhetas engraçadas. E engloba também o conteúdo social. Chamamos isso de SUP - Serviço de Utilidade Pública -, onde a gente trata de diversos assuntos socialmente relevantes através dessas pequenas peças de campanha. As campanhas de prevenção e conscientização da AIDS, por exemplo, foram as que abraçamos mais. Até porque a família MTV se associou a organismos internacionais, como a ONU, nesse sentido. A partir daí, a sexualidade virou um tema quase natural não só em nossas campanhas, mas também na grade de programação, em programas como o *Erótica MTV*, há muitos anos, ou o *Ponto Pê*, que falam abertamente de sexualidade.

Como vocês conseguem trabalhar em cima dessa linha fina entre falar sobre sexo, sobre a sexualidade, e não cair na vulgaridade?

Na verdade não existe essa preocupação. Porque não achamos que ao falar de sexualidade necessariamente você vai correr o risco de ser vulgar. Exatamente porque o *approach*, ao falar sobre sexualidade, não é apelar. É muito mais



dar voz às pessoas e ao assunto, que às vezes é considerado um tabu, e até quebrar um pouco essa história. Transar não é vulgar, precisamos desmistificar isso. As pessoas ligam para o *Ponto Pê* e falam com a Penélope (Nova, apresentadora) e nós tratamos de todos os assuntos de maneira direta, falando os nomes que devem ser falados, justamente para desmistificar mesmo. Essa galotada está começando sua vida sexual e ainda por cima tem de colocar camisinha! É muito complicado você tratar disso com meias palavras.

Hoje, o programa da TV brasileira que mais aborda a questão da sexualidade dos jovens é o *Ponto Pê*, que é o sucessor do *Erótica MTV*. Existe uma preocupação específica com o conteúdo desse programa?

Na verdade esse programa não pretende ser muito responsável. Já o *Erótica MTV* tinha o Jairo (Bauer, apresentador) não exatamente num contraponto, mas apresentava dentro de seu conteúdo essa questão de desmistificar o sexo, colocando pessoas pra falar ao vivo, sem papas na língua. E o Jairo era um pouco esse esteio da responsabilidade médica e psicológica. E, junto com as histórias sexuais ou prosaicas, ele dava esse tom ao programa. Já o *Ponto Pê* não, é um programa mais irresponsável mesmo. Não há um acompanhamento, não há ninguém no ar ou fora fazendo o que o Jairo fazia. O que significa que é um programa de entretenimento mesmo. Trata-se de um sexo conversado. Mas, há um limite, no sentido de dizer à Penélope que ela não é o Jairo. Ela nunca vai dizer ao telespectador o que ele deve ou não fazer. Se alguma coisa for mais espinhosa, se quem está participando do programa precisa de uma ajuda profissional, essa bola a Penélope não vai jogar.

Você acompanha o conteúdo de programas de outras emissoras? O que você acha de *Malhação* (TV Globo), por exemplo? Você acha que a MTV alavancou uma programação de qualidade com temática adolescente?

Não cabe a mim dizer se a MTV teve essa influência. E, se teve, não deve ter sido tão grande. Somos pequenos demais para determinar tendências. Claro, sabemos que a MTV exerce uma certa inspiração para que programas incorporem elementos que a gente já explorou e que provamos que eram bons e davam resultados. Não sei se a melhora de *Malhação* está diretamente ligado a isso. Mas é louvável, de qualquer maneira, que eles saiam do modelo “novelinha para adolescentes”. Aliás, me parece maquiavélica essa história de alavancar a audiência dos programas seguintes para conquistar o cara desde pequeno. Acho que antes tinha uma maldade por trás disso. Mas eles se tocaram e melhoraram esse produto no sentido de chamar a responsabilidade social, como a questão da AIDS, das drogas e outras séries de coisas que a *Malhação* passou a abordar. É bem louvável. Não sei se a MTV está por trás disso, mas é muito legal que eles fizeram isso. Mas seria legal também que a Globo fizesse mais. Não só esse *merchandising* social. Nem gosto muito disso porque parece que alguém de fora do programa fica dizendo: olha, precisamos fazer *merchandising* social! Na MTV não há ninguém de fora, todo mundo pensa junto. Para nós, esse viés social é editorial, não é só institucional. Faz parte do instrumento de programação da MTV. É conteúdo. ■

Ponto Pê

Programa apresentado de segunda a quinta-feira, à meia-noite e meia, pela VJ Penélope Nova. Aborda sexo sem rodeios e sem preconceitos. Os telespectadores, na maioria adolescentes, podem participar ao vivo, por telefone, ou mandando suas perguntas por e-mail.

approach

(Do inglês) Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, visão ou enfoque sobre determinada prática, situação, problema. Ex.: O palestrante discorreu sobre novos *approches* em marketing. Modo particular de lidar com uma situação.

Células-tronco: esperança e polêmica

Descoberta revolucionária da medicina - para o tratamento de doenças como o diabete, a paraplegia e o câncer - **envolve questões éticas e gera protestos da Igreja**

Embrião - Estágio inicial do desenvolvimento de um animal antes de ser liberado para o meio ambiente por meio do nascimento. Depois da fertilização, o ovo se divide em duas células de tamanhos similares; cada uma delas se divide mais uma vez, e assim sucessivamente. Esse processo de divisão celular prossegue regularmente até que uma blástula (bola de células) seja formada. Nos humanos, o embrião é chamado de feto depois de oito semanas de desenvolvimento. Nesse estágio, todos os órgãos principais são formados.

A utilização de células-tronco para o tratamento de várias enfermidades é uma das maiores descobertas da biomedicina. E um dos assuntos mais polêmicos do século XXI, pois envolve questões éticas, morais e religiosas. A nova tecnologia poderá acabar com doenças que matam ou deixam inválidas milhões de pessoas por todo o mundo. A grosso modo, as células-tronco são como peças novas que podem substituir as defeituosas no nosso corpo. Isso porque, manipuladas em laboratório, elas podem se transformar em qualquer célula do organismo ou se fundir a uma célula doente, tornando-a saudável. Por isso, são extremamente eficientes contra o câncer, a esclerose múltipla e o mal de Alzheimer, por exemplo.

O centro da discussão está na utilização das células-tronco retiradas de **embriões**. As células embrionárias possuem maior capacidade de transformação e, por isso, são classificadas, cientificamente, como totipotentes. Também são encontradas células-tronco na medula óssea e no cordão umbilical, mas ambas apresentam um poder de multiplicação muito menor. Em cada milhão de células da medula, por exemplo, apenas uma tem alto poder de duplicação. E encontrá-la é extremamente difícil. Portanto, todos os caminhos levam as pesquisas às células-tronco embrionárias. Mas, para utilizá-las é necessário o descarte do embrião doador e é

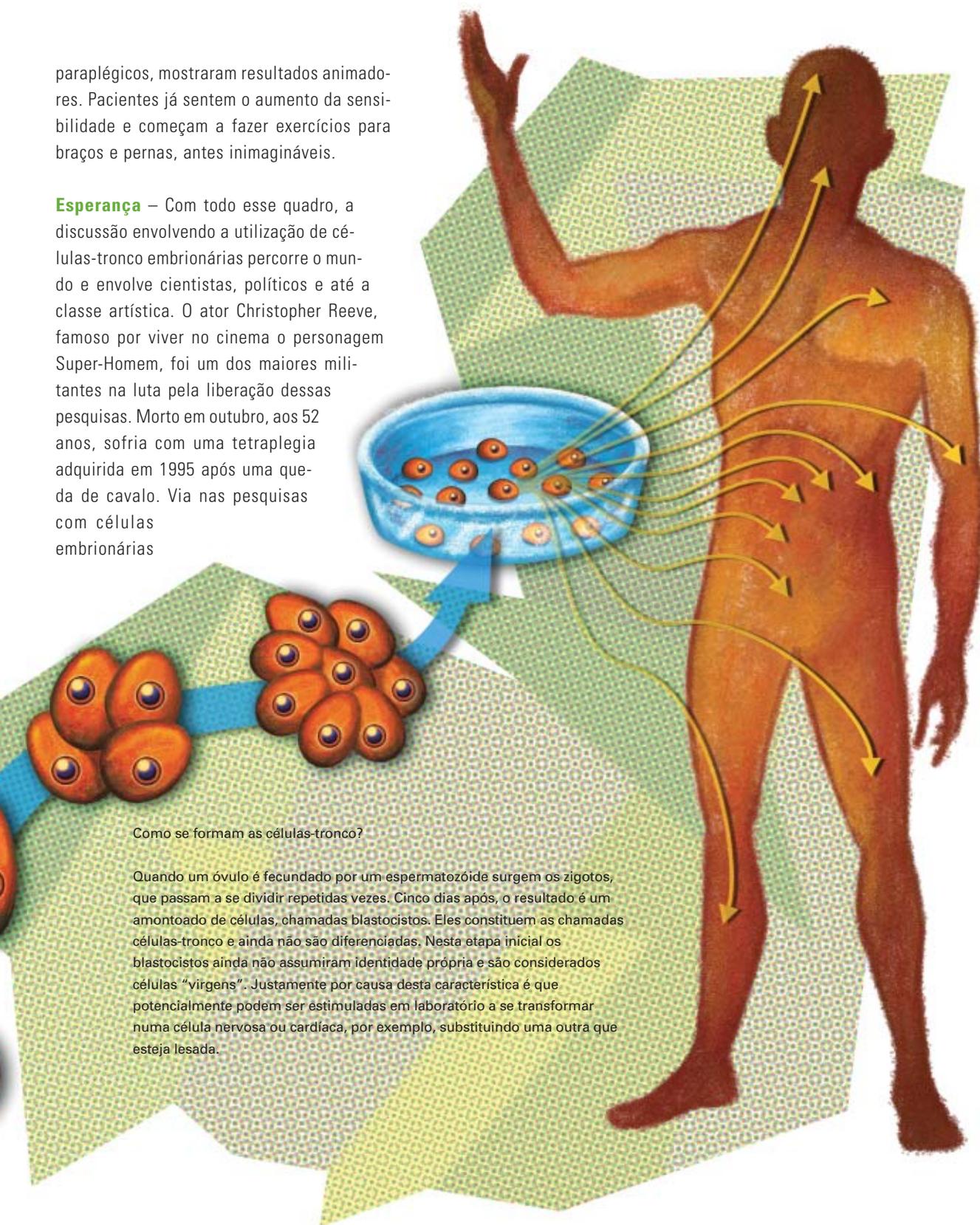
justamente aí que mora o grande problema: para a Igreja Católica e parcela dos evangélicos há vida mesmo num embrião congelado em clínicas de fertilização. Ou seja, as pesquisas com células-tronco embrionárias estariam colidindo com o ideal cristão, muito embora alguns países - como Inglaterra, Suécia, Alemanha e Japão - já liberaram o procedimento.

Além da polêmica, há muito o que descobrir. É preciso saber com exatidão quais hormônios induzem as células-tronco a se multiplicar em pele ou músculo, neurônio ou tecido do pâncreas, por exemplo. O mais difícil é "forçá-las" a seguir esse caminho depois de implantadas. Em alguns casos essa técnica está quase dominada, mas em outros, apenas engatinha. Atualmente já se consegue reproduzir células de órgãos como os olhos, os ossos, o fígado, a pele, o sangue, o cérebro, os pulmões, o coração, o pâncreas, os rins e a medula (*veja ilustração*). Pesquisas da Universidade de São Paulo (USP), com o implante de células-tronco em 30 pacientes



paraplégicos, mostraram resultados animadores. Pacientes já sentem o aumento da sensibilidade e começam a fazer exercícios para braços e pernas, antes inimagináveis.

Esperança – Com todo esse quadro, a discussão envolvendo a utilização de células-tronco embrionárias percorre o mundo e envolve cientistas, políticos e até a classe artística. O ator Christopher Reeve, famoso por viver no cinema o personagem Super-Homem, foi um dos maiores militantes na luta pela liberação dessas pesquisas. Morto em outubro, aos 52 anos, sofria com uma tetraplegia adquirida em 1995 após uma queda de cavalo. Via nas pesquisas com células embrionárias



Como se formam as células-tronco?

Quando um óvulo é fecundado por um espermatozóide surgem os zigotos, que passam a se dividir repetidas vezes. Cinco dias após, o resultado é um amontoado de células, chamadas blastocistos. Eles constituem as chamadas células-tronco e ainda não são diferenciadas. Nesta etapa inicial os blastocistos ainda não assumiram identidade própria e são considerados células "virgens". Justamente por causa desta característica é que potencialmente podem ser estimuladas em laboratório a se transformar numa célula nervosa ou cardíaca, por exemplo, substituindo uma outra que esteja lesada.

uma esperança de cura para sua enfermidade. Para isso, criou uma das maiores fundações para angariar fundos para pesquisas de cientistas independentes, a *Christopher Reeve Paralysis Foundation*.

A questão foi também um dos principais tópicos das discussões (pra lá de calorosas, diga-se de passagem) entre os candidatos à presidência dos Estados Unidos, George W. Bush e John Kerry. Já o governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, na contramão da política do governo Bush, anunciou, em novembro, que destinará US\$ 3 bilhões nos próximos dez anos para as pesquisas com embriões. É o primeiro estado norte-americano a liberar verbas públicas para esta finalidade, com o apoio de famosos como o ator Brad Pitt e o dono da Microsoft, Bill Gates.

No Brasil, o Movimento em Prol da Vida, fundado por pesquisadores e familiares de portadores de doenças neuromusculares, tem entre seus 12 mil associados os músicos Herbert Vianna, do Paralamas do Sucesso, e Marcelo Yuka, ex-integrante da banda O Rappa. Ambos são paraplégicos e lutam pela liberação das pesquisas. A permissão, ou não, delas será votada em breve pela Câmara Federal. A resistência maior parte da bancada religiosa. "Votaremos contra. A vida começa na concepção e só a Deus per-

tence tirá-la", declarou o deputado Adelor Vieira (PMDB-SC), presidente da Frente Parlamentar Evangélica. A polêmica segue no Senado Federal. Tasso Jereissati (PSDB-CE), Ney Suassuna (PMDB-PB) e Lúcia Vânia (PSDB-GO) defendem o projeto de Lei que abre as portas para as pesquisas. Em contrapartida, os senadores Marco Maciel (PFL-CE) e Heloísa Helena (P-SOL-AL) já anunciaram que votam contra.

Vários líderes religiosos desaprovam as pesquisas. "Mesmo que o emprego de células embrionárias tivesse demonstrado o sucesso esperado, permanecerá válido que não é lícito destruir vidas humanas para salvar outras", afirmou dom Odilo Pedro Scherer, secretário-geral da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). "Creio que deveríamos, primeiro, investir no emprego das células-tronco adultas", argumenta Marlene Nobre, presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil. Na contramão, muitos acreditam que embriões que são jogados no lixo, literalmente, por clínicas de fertilização pelo mundo afora poderiam ter destino bem mais nobre. Como se vê, a polêmica está longe de terminar. O fato é que, se houver um consenso e, principalmente, uma legislação específica sobre o assunto, em especial para as embrionárias, o homem poderá ter dado um passo significativo para a erradicação de enfermidades hoje incuráveis. ■

Por meio de pesquisas com células-tronco, cientistas do mundo inteiro já conseguiram produzir células dos seguintes órgãos:

- Olhos** - No tratamento de males que atingem a córnea, o cristalino e a retina.
- Ossos** - Na interrupção da degeneração de doenças como a osteoporose e a artrite, que atingem, principalmente, os mais idosos.
- Fígado** - Na recuperação desse órgão vital do corpo humano, livrando o paciente de um transplante.
- Pele** - Na reconstrução de tecidos comprometidos por acidentes ou queimaduras.
- Sangue** - Na produção de células sanguíneas para conter hemorragias.
- Cérebro** - No restabelecimento das conexões entre neurônios e no combate aos males de Parkinson e Alzheimer.
- Pulmões** - No combate ao câncer. O de pulmão é considerado o mais agressivo que existe.
- Coração** - No surgimento de novos vasos e músculo cardíaco.
- Pâncreas** - Na produção de insulina para diabéticos.
- Rins** - No combate ao câncer. O câncer nos rins é um dos menos curáveis até hoje.
- Medula** - Na restauração de movimentos de pacientes que sofreram lesões em acidentes.

Saiba mais

Movimento em Prol da Vida (Movitae) - www.movitae.bio.br/movitae.htm

Parcerias Público-Privadas

PPPs são apontadas como **saída à falta de recursos públicos para importantes obras** em infra-estrutura, como rodovias, hidrelétricas e portos



O ano de 2004 foi histórico para a economia brasileira. Nunca o país exportou tanto e para países tão distintos. O Produto Interno Bruto (PIB) **(1)** cresceu mais de 5%, o que não ocorria há 10 anos. O índice de desemprego nas grandes capitais atingiu o seu patamar mais baixo em duas décadas. São boas notícias, mas esse quadro poderia ser bem melhor se a infra-estrutura brasileira estivesse em condições adequadas. São portos, ferrovias, rodovias, aeroportos e outras grandes obras extremamente necessárias para escoar nossa produção e colocar o Brasil de vez no grupo de nações de-

envolvidas. O grande problema é que o poder público (federal, estadual e municipal) não dispõe de recursos suficientes para investir e suprir tais necessidades.

A saída, segundo a grande maioria dos analistas, é o projeto, aprovado no final do ano passado pelo Congresso Nacional, que permite a criação de contratos entre o Estado e a iniciativa privada com o objetivo de realizar essas obras e serviços em conjunto. São as chamadas PPPs - Parcerias Público-Privadas. Elas são uma forma de acordo onde os riscos e garanti-

PARCERIA COM A INICIATIVA PRIVADA É CRUCIAL PARA A CONSTRUÇÃO E MODERNIZAÇÃO DE GRANDES OBRAS DE INFRA-ESTRUTURA, COMO O PORTO DE SEPETIBA (RJ)

(1) Produto Interno Bruto - O PIB é a soma das riquezas produzidas por um país, normalmente, durante um ano. É formado pela indústria, agropecuária e serviços. O indicador mostra o comportamento de uma economia. O PIB também pode ser analisado a partir do consumo, ou seja, pelo ponto de vista de quem se apropriou do que foi produzido. As importações também entram na conta do Produto Interno Bruto.

as estarão divididos em igual parte e terão prioridade sobre os demais investimentos públicos. Uma das exigências é que os contratos não sejam inferiores a R\$ 20 milhões, que o período mínimo seja de cinco anos, e os interessados devem formar sociedades para participar das concorrências. Projetos semelhantes são permitidos na Inglaterra, na Irlanda (país que mais cresce na Europa), em Portugal e na Espanha. No Brasil, os estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás já tinham legislação própria para tratar do assunto. No Rio de Janeiro, a Prefeitura da capital há dez anos põe em prática mais de cem parcerias (*leia box*).

Modernização - O projeto das PPPs é tão animador que um grupo de empresários chineses já declarou a disposição em investir cerca de US\$ 2 bilhões por aqui: nas ferrovias Norte-Sul e Transnordestina, nos portos de Itaqui (MA) e Santos (SP), e noanel viário que dará acesso ao porto de Sepetiba (RJ). Segundo o ministro do Planejamento, Guido Mantega, Japão e Itá-

lia também têm grande interesse em investir na infra-estrutura brasileira. E não é difícil entender o porquê. Com a criação de melhores condições para exportar, o Brasil poderia diminuir seus custos de produção, vendendo mais barato a esses parceiros. Para o país, isso significará a criação de milhares de empregos, mais renda e melhores condições de vida para a população. Ou seja, todos saem ganhando.

As Parcerias Público-Privadas estão sendo encarradas como uma grande e real chance de modernização do país. O governo brasileiro já tem preparado um estudo sobre as primeiras grandes obras nacionais a serem licitadas e beneficiadas pelas PPPs, num valor que pode extrapolar os R\$ 5 bilhões. O pacote inicial inclui a duplicação de estradas em Minas Gerais e Santa Catarina, para otimizar o escoamento de produtos ao Mercosul, a construção de um "ferroanel" em torno da região metropolitana de São Paulo e a construção de usinas hidrelétricas e termelétricas nas regiões Norte e Nordeste do país. ■

O Rio na vanguarda



Há 10 anos a cidade do Rio promove parcerias com o setor privado. As cifras envolvidas são bem menores que as PPPs do Governo Federal, mas o objetivo final é o mesmo.

São cerca de 100 projetos que vão desde a formação de cozinheiras e babás na Rocinha e na Ilha do Governador até obras de revitalização da Lagoa Rodrigo de Freitas e melhorias no trânsito da Barra. Para isso, conta com o apoio de sindicatos, bancos, empreiteiras, restaurantes e entidades de classe, num processo sem burocracia. A Secretaria Municipal do Meio Ambiente é uma das beneficiadas. "Há algum tempo a secretaria tem se esforçado para trazer as empresas privadas para trabalhar mais de

perto com o setor público. E tem dado certo. Desde que assumi a pasta, há dois anos, venho incentivando cada vez mais não só as parcerias na secretaria, mas também nas fundações Parques e Jardins e RIOZOO, vinculadas à SMAC. Temos conseguido bons parceiros na área de adoção de praças, parques, alamedas e canteiros. A Lagoa é um bom exemplo: parte é adotada pela Unimed e a outra pelo Banco de Boston. Os canteiros centrais da Barra foram recentemente adotados por empresas da região; a Carvalho Hosken e a Brascan têm sido também grandes parceiras. E isso faz com que os cidadãos percebam o quanto é importante a preservação dos monumentos e espaços públicos, que não é só obrigação da Prefeitura. Afinal, o Rio pertence a todos. Hoje, a maioria das empresas privadas são procuradas pela Prefeitura, mas tenho certeza que, num futuro breve, a procura será mútua", explica o secretário municipal de Meio Ambiente, Ayrton Xerez (foto).

Histórias muito especiais

Projeto de **professora itinerante domiciliar** resgata a identidade de crianças portadoras de múltiplas deficiências

Trabalhar o tema identidade junto a crianças portadoras de necessidades especiais tem sido o desafio (e o prazer) da professora itinerante Ana Cristina da Costa Gomes. Desde fevereiro do ano passado ela coordena o projeto “Eu conto as minhas histórias”, com doze alunos residentes no abrigo Lar Maria de Lourdes, em Jacarepaguá. São portadores de paralisia cerebral, hidrocefalia e deficiências visual e auditiva, caracterizando o quadro denominado de deficiência múltipla. Essas crianças foram deixadas no local por familiares sem condições financeiras ou psicológicas de proteção. E pior: parte delas foram simplesmente abandonadas no abrigo. “Nossa idéia central era criar um material onde elas pudessem se perceber enquanto sujeito. Um verdadeiro resgate”, conta.

Professora da Escola Especial Municipal Professora Maria Therezinha de Carvalho Machado, na Freguesia, e indicada pela 7ª CRE para dar atendimento itinerante a essas crianças, Ana Gomes teve a idéia de tocar o projeto ao

se identificar com o artigo “Muitas vozes e todos os ecos no jardim - Identidade e multiculturalismo”, da escritora Ana Maria Machado, lançado durante a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes - SUMMIT 2004 -, realizada entre os dias 19 e 23 de abril do ano passado, no Rio de Janeiro. “Esses alunos enfrentam diversas formas de exclusão social e entendo que uma prática educativa que atenda a este grupo deve estar voltada a contemplar as possibilidades que cada um tem de acessar saberes e conhecimentos. Nesse sentido o texto de Ana Maria bateu fundo”, argumenta.

O trabalho da professora permite que as crianças estabeleçam relações sociais por meio da mídia. Livros, revistas e rádio foram sua matéria-prima. Em pequenos grupos, duplas ou até mesmo individualmente, o projeto se adaptou às necessidades curriculares de cada um. “Trabalhamos a construção de conceitos e a mídia foi fundamental nesse sentido. Sua

OS ALUNOS DIEGO E DOUGLAS DA SILVA DESENVOLVERAM O TRABALHO DE MÍDIA JUNTO COM A PROFESSORA ANA CRISTINA



linguagem ajuda na organização do pensamento, na leitura do mundo e na construção da identidade”, argumenta a professora Ana Gomes. De início eram realizadas as atividades do dia-a-dia, que se transformavam em cartazes afixados no abrigo ou próximo ao leito da criança. Suas preferências, seus gostos e suas experiências eram relatadas por meio de figuras e desenhos.

Comunicação - Com o passar do tempo, Ana Gomes percebeu que estes registros tinham uma seqüência, uma continuidade que se aproximava de um livro. E assim foi feito. Os cartazes passaram a ser organizados como se fossem livros. “A maioria das ilustrações que formavam os cartazes, e conseqüentemente o universo da criança, passaram a ser feitas na forma de decalques, o que as tornavam mais concretas, dinâmicas e pessoais”, conta a professora. Para universalizar o conceito de integração, a professora passou a utilizar recortes de revistas e jornais, com objetos (roupas, acessórios, móveis) de interesse dos sujeitos apresentados no cartaz. “Neste segundo passo do projeto, passamos a organizar fatos que pudessem levar os alunos a se perceber e se integrar. Fomos da parte mais pessoal para a generalização”, conta.

Saiba mais

Século XX1 -
www.multirio.rj.gov.br/seculo21/

Uma terceira etapa privilegiou o desenvolvimento da oralidade nos alunos que não conseguiam se expressar desta forma. As vozes de cada um ou o som que emitiam foram gravados. Foi aí que o rádio se tornou protagonista na atividade. “Construímos programas, fizemos entrevistas, brincamos. Assim, pudemos ampliar as possibilidades comunicativas e afirmar a identidade de cada criança. Elas soltaram suas vozes pelos jardins”, brinca em alusão ao texto de Ana Maria Machado. O trabalho final, convertido em CD-ROM, foi um dos premiados na II Mostra Trocando Idéias com o Século XX1, projeto da MULTIRIO que apóia e promove trabalhos desenvolvidos na rede municipal de ensino sobre grandes questões do novo século (*veja boxe com a relação dos outros trabalhos vencedores*).

Avaliação - Num projeto de longo prazo como esse, as dimensões de sucesso são subjetivas. “Um sorriso, um desejo ou o reconhecimento do próprio nome já é um avanço”, explica Ana Gomes. Para ela, porém, o mais importante é que cada aluno se perceba enquanto sujeito e desenvolva o sentido de pertencimento a um grupo. “E o melhor: mobilizamos voluntários e técnicos, vizinhos e parentes, enfim, toda a sociedade local para a sensibilidade de abrir as janelas e ouvir todos os seus ecos”, comemora a professora. ■



Ana Cristina da Costa Gomes é carioca de Jacarepaguá. Bacharel em Letras pela Uerj, tem dois filhos, é casada e há vinte anos trabalha na rede municipal de ensino. Professora de Ensino Especial por opção, como faz questão de ressaltar, ela conta que tem orgulho de fazer o que realmente gosta, num trabalho transformador e necessário, segundo sua definição. “E não quero ser canonizada por isso. Não é nada heróico. Esta é a forma de se viver este ofício”, argumenta. Para conhecê-la um pouco melhor, bem como seu trabalho, acesse o site: www.brincadeiraespecial.blig.ig.com.br

Trabalhos selecionados na II Mostra Trocando Idéias com o Século XXI

- “De Graciliano Ramos a Sebastião Salgado: Terra, Trabalho e Liberdade” - E.M. Minas Gerais (2ª CRE)
- “O Mundo Não é Tão Longe: Identidade, Sociabilidade e o Jornal O Espaço” - E.M. Clotilde Guimarães (4ª CRE)
- “Da Produção de Mídia à Construção de uma Cidadania Plural - Jovens em Ação - Imprensa, Rádio Escolar e Informática Educativa” - PET José Emygdio de Oliveira (5ª CRE)
- “Eu Conto as Minhas Histórias” - E. M. Maria Therezinha de Carvalho Machado (7ª CRE)
- “Do Rio Papa-Couves ao Toque do Pandeiro” - Núcleo de Artes Av. dos Desfiles (1ª CRE)
- “Animarte” - E.M. Tristão de Athayde (7ª CRE)
- “RPG por Alunos, para Alunos” - PET Dr. Jair Tavares de Oliveira (9ª CRE)
- “Fome de Emprego” - E.M. Telêmaco Gonçalves Maia (6ª CRE)
- “Gazeta Bivar” - E.M. Maria Isabel Bivar (3ª CRE)
- “Abraça um Aluno Escritor” - E.M. México (2ª CRE)
- “Água Animada” - Ciep Presidente Agostinho Neto (2ª CRE)
- “É Nós, Afeto, Vida e Cotidiano em Morros de Santa Teresa” - E.M. Santa Catarina (1ª CRE)
- “Combatendo o Analfabetismo Político em Nossa Cidade” - E.M. José Emygdio de Oliveira (5ª CRE)
- “Como nossos P@is (?!)” - E.M. Jardim Guararapes (9ª CRE)
- “O Futuro a Gente é que Faz” - E.M. Fernando de Azevedo e PET Fernando de Azevedo (10ª CRE)

...Ninguém nasce com preconceito. Ele se adquire, pouco a pouco, inculcado pela sociedade. É cultural, não é natural. O crítico francês Roland Barthes certa vez chamou a atenção para o fato de que a ideologia que o veículo tem seu canal privilegiado nas produções estereotipadas. O estereótipo injeta preconceito nos corações e mentes. E poucas áreas culturais são tão cheias de estereótipo quanto o que é transmitido pela mídia. Ou o que é distribuído a crianças e adolescentes. Sempre com as desculpas da necessidade de simplificação e da intenção educativa. É essa premissa que deve ser abandonada.

Toda vez que a mídia se limita a repetir e reproduzir produtos estereotipados (na ficção, nas imagens ou na cobertura jornalística), e recusa os protótipos culturais que trazem visões e linguagens diferentes, está reforçando atitudes e comportamentos preconceituosos futuros, principalmente quando é dirigida a crianças e adolescentes ...Encerro com a lembrança de outro intelectual notável, professor de literatura da Universidade de Columbia, Edward Said,

que vai fazer muita falta a este mundo insensato. Quero lembrá-lo com algumas das palavras do parágrafo final de seu livro Cultura e Imperialismo: “Hoje em dia, ninguém é uma coisa só (...) O imperialismo consolidou a mescla de culturas e identidades numa escala global. Mas seu pior e mais paradoxal legado foi permitir que as pessoas acreditassem que eram apenas, sobretudo, exclusivamente brancas, pretas, ocidentais ou orientais. No entanto, assim como os seres humanos fazem sua própria história, fazem também suas culturas e identidades étnicas. Não se pode negar a continuidade duradoura de longas tradições, de moradias constantes, idiomas nacionais e geografias culturais, mas parece não existir nenhuma razão, afora o medo e o preconceito, para continuar insistindo na separação e distinção entre eles, como se toda a existência humana se reduzisse a isso. A sobrevivência, de fato, está nas ligações entre as coisas. Nos termos do poeta T.S. Eliot, a realidade não pode ser privada dos “outros ecos (que) habitam o jardim”.

Ana Maria Machado

4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes (SUMMIT 2004)

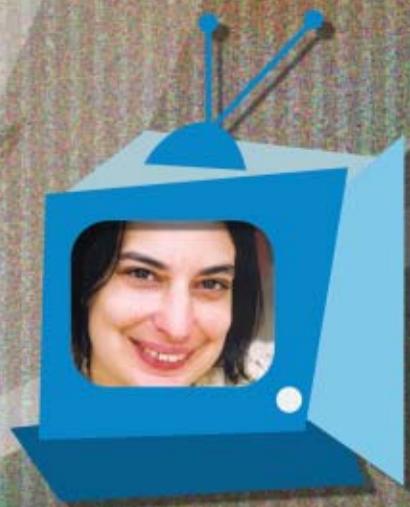
Por alguma forma de controle



Não há dúvida de que a programação de TV no Brasil está repleta de conteúdo questionável. Pobreza, violência e ignorância são exploradas de forma preconceituosa e oportunista em programas que circulam amplamente na TV aberta. Numa tentativa de estabelecer regras que regulamentem a produção televisiva, o governo federal criou recentemente a **Agência Nacional de Cinema e Audiovisual**. Projeto polêmico, que vem gerando inúmeros debates por, entre outras questões, tratar-se de um país que ainda tem vivo na memória os traumas de décadas de ditadura e censura. Mesmo assim, a idéia de controle, seja de que jeito for, sobre o que é veiculado na TV, está na cabeça de muitos de nós, como constatou a equipe da “Nós da Escola”.

“A responsabilidade sobre a educação tem que ser dos pais e estabelecimentos de ensino. É muito difícil se chegar a uma grade de programação que instrua e prepare para a realidade e ao mesmo tempo funcione sob as regras do mercado. Eu não tenho mais esperanças quanto a eficácia de uma ação que controle conteúdos exibidos pelos canais que são patrocinados pela publicidade.”

Daniela Martinez, estudante de comunicação





“Sou a favor de um certo controle da televisão, lógico que não com a conotação de censura. Mas acho que a faixa etária de certos programas de televisão deveria ser restringida. Por exemplo, cenas picantes de novelas que são exibidas em horários que crianças ainda estão acordadas.”

Clara Mendes, designer gráfica



“Acho que se forma cidadãos com instituições exercendo seu papel. A família pode e deve desligar a TV quando achar prudente.”

Vera Souza Mendes, terapeuta de família



“Sempre se confunde censura com controle. Acho sim que deve haver um controle da programação por parte do estado. Não necessariamente do governo, mas de uma instituição que garanta que os interesses e a pluralidade da sociedade estarão representados com qualidade e sem preconceitos na programação.”

Fernando Amorim, professor da UFRJ

“Acho que entre o que se produz e a pessoa que recebe a informação deve haver uma censura crítica, reflexiva. Pessoas capacitadas para serem os mediadores entre quem faz e quem recebe.”

Luiz Gustavo Vasconcelos, psicomotricista



Corpo que fala

O corpo fala, sente e pensa. Ele se exprime por meio de movimentos, de expressões, também por pausas, por lacunas e silêncios. O que diferencia um corpo humano de um ser humano são aspectos estritamente civilizatórios. Pode-se dizer que esses aspectos humanizam os corpos por meio de suas dimensões sociotemporais e culturais que possibilitam a constituição do aspecto singular que caracteriza e diferencia cada uma das pessoas. Como um livro vivo, **cada corpo conta uma história** individual e ao mesmo tempo coletiva; dá pistas sobre cada cultura e sobre suas tradições. Diante da raiva, se contrai. Da alegria, se expande. Da angústia, se retrai. Não são poucos os estudiosos que se dedicam a pesquisar o que diz, o que sente e as variadas formas de os corpos humanos expressarem-se diante dos mais variados fatos e sentimentos, reais e imaginados.



Encarado dessa forma, poderíamos entender cada corpo como um eficiente meio de comunicação que, ao se utilizar dos cinco sentidos de forma significativa, é capaz de interagir enquanto capta, cria, se movimenta, emite sons e sinais. E, assim, se disponibiliza para o estabelecimento de variadas trocas e relações. Dependendo da cultura, da história, do espaço e do tempo, das idades e das formas de ser e de viver de cada povo, os corpos humanos se movimentam, se expressam, se organizam e se relacionam de modos muito próprios. Mesmo assim, em todos os casos, mantém-se válida a convicção de Aristóteles ao afirmar: “não pensar apenas com o corpo mas, sobretudo, por meio do seu corpo”. Isso significa dizer, nos dias de hoje, que o corpo reconhecidamente responsável por uma linguagem muito própria é, de fato, estruturado pelo pensamento que, ao mesmo tempo, é seu elemento estruturador. Assim, diferente do que se pensava no passado, o corpo não é um obediente servil dos comandos da razão e das emoções, mas é, também, por muitas vezes, um criador de demandas para os corações e mentes, para as funções mentais superiores. Ou seja, certa exercitação significativa e orientada do corpo pode solicitar novas redes neurônicas que dêem conta de retomar, de resgatar, de recobrar comandos e funções “perdidas”. Dessa forma, falar do corpo humano exige pensar em suas infinitas formas de relação, exige considerar todos os contextos e todas as suas interfaces, sem esquecer que cada corpo tem sua própria química com relação à razão e às emoções, que o torna uno, único e indivisível. Sim, o corpo humano produz, veicula e consome cultura, individualmente e em grupos.

Certos sinais e comportamentos atribuídos ao corpo e sua linguagem, hoje, são conhecidos como sinais sexuais, inclusive, porque se prestam a satisfazer o instinto básico do ser humano de reprodução para perpetuação da espécie. Profissionais de mídia se valem exatamente desse aspecto um tanto peculiar da comunica-

ção humana para criar uma série de produtos na expectativa de que sejam consumidos. “A mídia já nos estudou, conhece nossos hábitos”, escreve a jornalista Patrícia Espírito Santo no texto “Sexo, Mídia e Adolescência”. E aposta na eficiência dos apelos sexuais como estímulo de nossos sentidos para o consumo. Consumo aí entendido amplamente como bens, serviços, valores e padrões de comportamento.

A mídia voltada para o público jovem não é diferente. Diria até que transpira tanto sexo quanto a que é produzida para o adulto. A adolescência é uma fase de intensas mudanças físicas e emocionais e essas se manifestam, concretamente, sobre esses jovens corpos. É a fase do despertar sexual, da mobilização e exploração do corpo. Quem, sabendo disso, vivendo numa economia de mercado, não usaria o sexo para estimular jovens a consumirem de informações a produtos? Pois é. Essa é a questão.

A MTV TRATA DE TEMAS COMO HIV/AIDS DE FORMA CLARA E DIRETA A GAROTADA SE DIVERTE NAS BRINCADEIRAS RADICAIS EM SUAS CAMPANHAS



> 72% DOS JOVENS NÃO USAM CAMISINHA NA PRIMEIRA TRANSA <

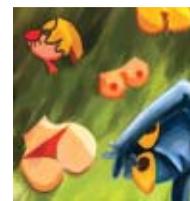
DIVULGAÇÃO/MTV

É fato que a mídia, especialmente a televisiva, de canal aberto, abusa dos estímulos sexuais. Na maioria das vezes de forma preconceituosa, explorando estereótipos (ver boxe) e esclarecendo muito pouco. Tanto é que os profissionais da área criaram uma espécie de padrão para definir as diferenças entre sensual, erótico e pornográfico (1).

A fartura de conteúdo erótico na TV preocupa pais, que se perguntam por que, em momento algum, a programação de TV trata de sexo/sexualidade (2) de uma forma interessante para o jovem. O que se vê é que isso só acontece quando se trabalha numa perspectiva de protagonismo juvenil. Ou seja, nas raríssimas vezes que se produz para jovem, com jovens produzindo. Essa é a opinião da psicanalista infantil Ana Olmos. “Quando se parte do universo do jovem, se trata das questões pertinentes ao contexto deles e quando eles criam os diálo-

gos, fazem a produção, temos um programa realmente interessante para essa faixa etária”. Da maneira contrária, a habitual e mais comum de se produzir, segundo ela, o adolescente é apenas um público consumidor. Resta-lhes como opção, em plena época de construção de identidade, programas que exibem tipos como meninas-magras-de-cabelo-liso, meninos-sardos-queimados-de-sol e, de vez em quando, a gordinha-bonitinha-bem-resolvida.

Sobre essa padronização na programação para jovens na TV, a diretora da Faculdade de Psicologia da PUC/SP, Maria da Graça Marchina Gonçalves falou em entrevista ao site do MídiaTiva: “(...) Não há rupturas, nem coisas novas, mesmo que a possibilidade de rupturas apareçam”. Maria da Graça realizou recentemente uma pesquisa em que analisou as concepções da adolescência em programas de televisão voltados para o público jovem. Sobre os temas abordados nas séries, ela



(1) A origem do termo erotismo tem raízes na mitologia grega. Provém de Éros (paixão ardente, pulsão, libido), deus do amor, jovem e brincador, filho de Afrodite, deusa do amor e da beleza. Na filosofia grega, Éros era uma fonte de atração e despertava o desejo sexual onde estivesse. Possuía também grande força criadora e sua ausência poderia ser motivo para decadência e destruição. Numa releitura do mito, Freud relacionou Éros ao conceito de libido, combinação de pulsão sexual e força vital. Remetendo-se a Éros ou a Cupido, o erotismo não perde seu significado de origem: é um processo em homens e mulheres que manifesta a vontade pela excitação sexual, pelo orgasmo e por uma vivência sexual bastante prazerosa. Todos os indivíduos possuem essa potencialidade, mas alguns a exercem e outros, não. Há pessoas que vinculam o erotismo ao amor e à paixão, mas é absolutamente natural viver uma boa experiência erótica sem amor e

com prazer. O erotismo é uma experiência ao mesmo tempo subjetiva, biológica e social. O que é considerado erótico ou fonte/estímulo de prazer varia entre as pessoas e entre as culturas. O que agrada a um, pode desagradar ao outro; o que é normal em nossa sociedade, pode ser proibido em outra. A vinculação do sexo ao erotismo se dá quando este é processado como uma forma de estímulo sexual. O erotismo é dependente da atração e do desejo, que pode ser por uma pessoa, por um objeto, ou o próprio indivíduo se esforçar por ser atraente a outro.

(2) Sexualidade pode ser definida como uma forma de expressão dos afetos, uma maneira de cada indivíduo se descobrir e descobrir os outros. A sexualidade engloba a identidade sexual (masculina e feminina); os afetos e a auto-estima; as alterações físicas e psicológicas ao longo da vida; o conhecimento anatômico e

diz: “As questões do jovem são as mesmas de sempre. Há uma repetição de tema **(3)** como se os jovens enfrentassem sempre os mesmos problemas e do mesmo jeito”.

Na contramão dessa tendência, um grupo multidisciplinar da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), criou o seriado de TV “Ou Não”, que conta a história de cinco jovens moradores de um prédio e que compartilham as delícias de crescer partilhando experiências. O diferencial é que os criadores resolveram fugir do esquema escola-casa-academia e de um certo *glamour* que costuma acompanhar os programas para essa faixa etária. No vídeo *demo* que a equipe já produziu da série é possível conferir uma câmera ágil, subjetiva, sem planos certinhos, com cinco adolescentes de carne e osso, que vivem situações do tipo sexo, drogas e *rock’n’roll* ...ou não. A linguagem também promete inovar com

sobreposição de recursos visuais, incorporando definitivamente o que seria a estética das novas tecnologias. Por enquanto o grupo tem o vídeo *demo* e a sinopse até o 12º episódio para mostrar a quem interessar possa.

A MTV, com suas campanhas, propagandas **(4)** e programas que falam de forma bem direta e sem rodeios, alia criatividade à qualidade de informação. Sexo, corpo e consumo, o trinômio que permeia a vida da juventude dos nossos dias, é tratado a partir de pontos de vistas bem diferentes, como explica Mauro Dahmer, da MTV: “Cada programa tem sua forma de liberdade para falar nesses assuntos e falam de formas que acabam refletindo perfis diferentes do jovem brasileiro. Nas nossas campanhas procuramos falar sobre consumo responsável e sustentável, além de cuidados com a saúde e o corpo. Mas sempre enfocamos os assuntos de um modo realista e sem criar regras absolutas e falsos moralismos”.



ILUSTRAÇÕES: SITE SÉCULO XXI

fisiológico do homem e da mulher; a higiene sexual; a gravidez, a maternidade e a paternidade; métodos anticoncepcionais; doenças sexualmente transmissíveis; os transtornos sexuais, entre outros.

(3) Como falar da vida cotidiana de jovens urbanos, brasileiros, e para eles, sem abrir espaço para uma crítica a sua vida escolar, ao enorme número de horas que passam na escola, por anos a fio? Há muitas perguntas, ainda, à procura de respostas. O corpus do conhecimento, por exemplo, como sugere João Cezar C. Rocha, da Uerj, hoje, pode prescindir dos corpos dos professores e alunos? O que desejamos significar nas instituições escolares, nos dias de hoje, como “corpo docente”, para professores e discente para o total de alunos? Que destaque é dado nos currículos escolares à complexidade de relações que envolvem as questões de gênero, ao que se refere ao sexo e as diferentes expressões das

sexualidades humanas, aos corpos e a forma como a mídia vem dirigindo, norteando e explorando essas questões?

(4) A palavra propaganda deriva do Latim, do gerundivo de *propagare*, isto é, “coisas que devem ser propagadas”, segundo o Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa, 1994. O primeiro uso da palavra propaganda foi feito pela igreja católica, com a intenção de difundir sua doutrina e conquistar fiéis como forma de garantir sua sobrevivência moral e material. De religiosa, a propaganda passou a ter, com o passar do tempo, um caráter político, ideológico e para o consumo. A mestre em psicologia Liany Silva dos Santos faz uma analogia bem interessante: “se a Igreja pregava uma vida futura (depois da morte) mais compensadora que a atual, a propaganda contemporânea, da mesma forma, vende o alívio aqui e agora, por meio do consumo”.

Apesar de acreditar que a TV é a principal fonte de informação dos jovens brasileiros, Dahmer considera tarefa subjetiva avaliar qualitativamente a influência que essa mídia exerce sobre nossa juventude. “O fato é que os jovens gostam de se comunicar, além de receber e trocar informações”. O que se sabe, especialmente sobre o impacto das cenas eróticas no telespectador adolescente, é que ele considera as cenas sensuais (mulher de corpo escultural em propaganda de cerveja) e eróticas (casal na cama) como algo leve. O mesmo sentimento ele tem em relação a uma atriz com os seios à mostra numa cena de novela.

Para a pesquisadora Celuy Damásio, a banalização do sexo na mídia pode ser um possível elemento deformador da personalidade do jovem. Ela aponta para o risco de a juventude deste início de século desenvolver sua sexualidade dissociada de conceitos de amor, carinho e afetividade. E alerta que a discussão do problema não pode se ater a seus aspectos meramente moralistas sobre sexualidade. O caminho, segundo ela, passa pela aceitação do fato de que vivemos um tempo de liberdade sexual, mas sem cair no liberalismo inconseqüente (site Século XX1). ■

Saiba mais

Livros

Sexualidade: corpo, desejo e cultura. Vera Rita da Costa (Org.) São Paulo: SBPC

Este livro faz parte das publicações da série Ciência Hoje na Escola. Neste número são tematizados, entre outros assuntos, corpo, sentimentos, desejo sexual, emoções, masturbação, orgasmo, prazer, relações sexuais, doenças sexualmente transmissíveis.

15 motivos para “ficar de olho” na televisão. Guillermo Mauricio Acosta-Orjuela. Campinas, SP: Alínea, 1999.

Nas três últimas décadas acumularam-se provas de que existe uma relação de causa e efeito entre padrões de conduta, modelos, situações, falas e reações apresentadas pela TV e o comportamento das crianças. Com uma linguagem bastante simples, este livro traz pesquisas e pontos de vista de médicos e psicólogos sobre o assunto.

Adolescência: a idade da razão e da contestação. Eduardo Goldeinsten. São Paulo: Gente, 1995. O autor contraria a opinião geral de que a adolescência é um período conturbado.

Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. J.G. Aquino (Org.). Summus Editorial, 1997. O livro explora o tema da sexualidade humana a partir de opiniões e análises de pesquisadores de várias áreas.

Site

Século XX1
Chave Sexo e Mídia
www.multirio.rj.gov.br/seculo21

Museu do Sexo
www.museudosexo.com.br



O termo foi utilizado - ainda que de forma não muito precisa - pelo jornalista e pensador americano Walter Lippman, em 1922, para se referir à imputação de certas características a pessoas pertencentes a determinados grupos, aos quais se atribuem determinados aspectos típicos. Etimologicamente, deriva de duas palavras gregas: *stereos* e *túpos*, significando “rígido” e “traço”, respectivamente. De um modo geral, hoje o termo se refere a crenças compartilhadas acerca de atributos - geralmente traços de personalidade - ou comportamentos costumeiros de certas pessoas ou grupos de pessoas. Mais especificamente, temos que, *seja através de uma representação mental de um grupo social e de seus membros, tendemos a enfatizar o que há de similar entre pessoas, não necessariamente similares, e a agir de acordo com esta percepção.*

Os psicólogos sociais contemporâneos identificam **o estereótipo como a base cognitiva do preconceito**. O estereótipo, em si, é freqüentemente apenas um meio de simplificar e “agilizar” nossa visão do mundo. Como vivemos sobrecarregados de informações, tendemos a nos poupar muito compreensivelmente de gastos desnecessários de tempo e energia. Seria, neste sentido, um comportamento funcional, apesar de estarmos condenando o outro a uma espécie de simplista - e muitas vezes equivocado - “eterno desfile em trajes típicos”.

Se pedirmos ao leitor que pense agora num italiano, uma imagem lhe sobrevirá à mente. Se solicitarmos mais detalhes, surgirá uma série de particularidades: um homem alto, moreno, que come massas, fala alto, gesticula muito, gosta da mãe, é fanático por futebol, impulsivo e, talvez, bonito. Falso ou verdadeiro? Na verdade, falso e verdadeiro. Possivelmente, se não todas, várias destas características podem ser encontradas em algum romano. Mas um morador do Norte ou do Sul da Itália provavelmente não deterá sequer um terço das características acima levantadas.

Imagine que neste exato momento um professor em Milão, Florença ou outra metrópole italiana, esteja dando uma aula sobre este mesmo assunto, convocando seus alunos a descreverem uma brasileira “típica”. Podemos imaginar como seria esta “brasileira” cogitada por italianos: mulata - ou morena -, sensual, com senso de ritmo, bonita, liberada, além de impulsiva, expansiva e carnavalesca... Imagem que seria fruto da influência dos meios de comunicação de massa, de filmes, romances ou até dos relatos de viajantes mais entusiasmados que aqui possam ter estado. Agora olhe em volta, na sua sala de aula. Quantas “brasileiras assim típicas” você conseguiu detectar?

Estereótipos, pois, podem ser corretos ou incorretos. E também, positivos, neutros ou negativos. O fato de, num primeiro momento, facilitarem suas reações frente ao mundo, esconde a realidade de que na maioria das vezes, estereotipar pode levar a generalizações incorretas e indevidas, principalmente quando você não consegue “ver” um indivíduo com suas idiosincrasias e traços pessoais, por trás do véu aglutinador do estereótipo.

Nossos limitados recursos cognitivos, diante de um mundo cada vez mais complexo, é que nos fazem optar por estes atalhos, que se às vezes nos poupam, cortando significativamente o caminho, em outras, nos conduzem aos indesejáveis becos do preconceito e da discriminação. Só a consciência de que somos muito sensíveis a este tipo de distorção perceptiva é que nos possibilitará retirar o “veneno” embutido neste fenômeno psicossocial, enfraquecendo ou contrabalançando as ações inadequadas provenientes da ativação automática do inevitável ato de estereotipar.

* Bernardo Jablonski é doutor em Psicologia Social pela FGV-Rio e professor da PUC-Rio

Ruth Helena Pinto Cohen*

Adolescência

A adolescência usualmente é definida tendo como parâmetro o fenômeno fisiológico da puberdade, quando o corpo transformado se deixa ver convocando o sujeito a sair da infância e adolecer, que significa, entre outras coisas, crescer. A adolescência seria, portanto, uma fase do desenvolvimento referida a uma determinada idade ou é uma singularidade do sujeito?

A sociedade dá ao adolescente um estatuto de não adulto, não responsável para exercer determinadas funções e, por outro lado, exige que tenha atitudes responsáveis. Esta tensão pode paralisar o jovem que se sente impossibilitado de responder às demandas paradoxais do mundo, da família e da escola.

O prazer, encontrado na troca das identificações infantis por modelos mais adultos, de deixar de depender inteiramente do desejo dos pais, para ir ao encontro de um desejo próprio, de ingressar nos prazeres do sexo genital, coabita com a dor de crescer. Conseqüentemente, ao adolescente se coloca a questão do que ele é como filho e, assim, se interroga sobre si mesmo, sobre a assunção simbólica de seu destino no registro de sua autobiografia. Essas interrogações também são levadas para a escola e se explicitam na relação com os professores e autoridades. O prazer e a dor de existir e crescer são cifras que o jovem paga pelo ideal de poder gozar de um maior domínio de si mesmo.

Na modernidade, o senso prático substituiu a inspiração humanista em função da idéia de modos de produção capitalista. A ciência progrediu vertiginosamente e, com isso, o conceito de sexualidade trouxe inúmeras questões à educação das crianças e dos adolescentes. Na contemporaneidade, estamos sempre nos perguntando com que se identificam os jovens e o que é adolescência.

A adolescência poderia ser definida como um momento de vida em que as experiências da infância retornam reeditadas e sob forçamento, impelindo o jovem a decidir sobre os destinos de sua sexualidade. Para poder se inscrever como jovem é preciso abandonar antigos referenciais imaginários. O "eu sou ...", que baliza o reconhecimento de um corpo próprio, desinvestido das

identificações infantis, faz eclodir uma nova lógica de funcionamento, que é a de ser um sujeito, citando Cecília Meireles, "que não sabe em que espelho perdeu a sua face".

Se na modernidade havia a crença de que o adolescente podia "seguir vivendo, sem lenço e sem documento, com nada no bolso ou nas mãos", isso se dava porque ainda se acreditava nos grandes ideais. Os jovens de hoje, com a queda dos ideais e a ética do consumo, buscam nos objetos algo que sacie suas faltas, suas carências. Dentre estes objetos estão as drogas, as armas e, conseqüentemente, a segregação e a violência, produtos da conjunção do capitalismo com a ciência, imprimindo uma nova relação do jovem com seu corpo e com o corpo do outro.

O assujeitamento às leis de um discurso de uma determinada cultura inscrevem o homem enquanto gênero e o jovem em sua singularidade. Na adolescência, a libido, que é a energia sexual por excelência, acorda com toda sua força a sexualidade infantil. O adolescente diante de seu corpo pronto para uma confirmação identificatória se fará a pergunta crucial: Quem sou e o que quero?

A demanda da cultura impõe ao adolescente que responda sobre suas escolhas, que se inscreva no lado homem ou mulher, que seja ou não seja algo: eis aí a questão *hamletiana* da balança do desejo. Além de ser ou não ser, terá que ter algumas coisas, o que faz de alguns jovens consumidores dos *gadgets* modernos, das marcas e etiquetas que fazem com que sejam reconhecidos na multidão.

Lembremos que o processo de identificação nos indica como fomos olhados, falados, acolhidos por nossa família e pelo mundo. A imagem com a qual o jovem se reconhecerá está diretamente vinculada ao olhar de outrem, sejam eles professores, colegas ou a mídia. Para existir por si mesmo, o jovem existe por e para o outro. Sob esse olhar adolecem os sujeitos na doída e doída passagem da infância para o mundo adulto.

* Doutora em Psicologia (IP/UFRJ), professora adjunta da UFRJ, psicanalista e coordenadora do projeto "Aleph: sobre a etiologia do fracasso escolar"

Cultura, esporte e muita diversão

Cidade das Crianças é **alternativa de lazer** para moradores da Zona Oeste

“De um terreno público de 186 mil metros quadrados abandonado pelas administrações públicas anteriores, surgiu a Cidade das Crianças Leonel Brizola. Uma área de lazer na qual oferecemos gratuitamente a mais de 30 mil pessoas serviços de primeira linha comprometidos com a justiça social e a cidadania.” As palavras são de Ruy Cezar, secretário municipal de Esporte e Lazer. A SMEL, em parceria com várias outras secretarias, é a responsável pelo projeto que levou a população de Santa Cruz, Zona Oeste da cidade, uma opção de lazer, esporte, saúde e cultura.

A Cidade das Crianças é dividida em três setores. O primeiro deles é dedicado à cultura. Nele as crianças têm biblioteca, teatro, teatro de marionetes, museu, parque de diversão, lojas e quiosques, teleférico e bondinho.

No segundo setor, a temática é esportiva. Quadras poliesportivas, campo de futebol soçaita, quadra de tênis, pista de skate, muro de escalada, piscinas (adulto e infantil), *deck* e solário oferecem à população um vasto repertório de atividades físicas.

O terceiro e último setor é dedicado ao lazer. Um belo lago dá a impressão de estarmos passeando por uma paisagem rural.

Para a garotada, a Secretaria Municipal de Educação mantém uma brinquedoteca, com acervo variado de jogos e brinquedos.

Os portadores de necessidades especiais encontram oficinas de animação cultural e atividades



A GAROTADA SE DIVERTE NAS BRINCADEIRAS RADICAIS

programadas para visitação. Um centro médico, gerenciado pela Secretaria Municipal de Saúde, faz atendimento de emergência e triagem para os banhos de piscina.

Inaugurada há cerca de seis meses a Cidade das Crianças ainda recebe os retoques finais, mas o sucesso do projeto já leva a prefeitura a pensar em outros parques semelhantes. “Os objetivos de levar lazer e atividades esportivas, culturais e educativas estão sendo alcançados com sucesso. Em breve estaremos colocando em funcionamento o Parque Dias Gomes, em Deodoro”, afirma o secretário Ruy Cezar. ■



QUADRAS DE ESPORTE,
PISCINA E ATÉ UM AÇUDE
SÃO AS ATRAÇÕES DO
PARQUE

Teatro de primeiro mundo

O teatro da Cidade das Crianças é uma atração à parte. Com capacidade para 300 pessoas e infra-estrutura semelhante à das melhores casas da cidade, o espaço tem colaboradores profissionais do cacife do cenógrafo Fernando Melo da Costa, do grupo Nós do Morro. Só nos últimos quatro meses de funcionamento, o teatro recebeu 40 mil espectadores que assistiram peças encenadas por companhias de peso do universo cultural carioca e também por companhias locais.

Além de abrigar os mais variados tipos de espetáculos, o espaço também oferece um curso de teatro. Lá, 200 jovens, todos com o Ensino Médio completo ou em curso, dão os primeiros passos na arte de interpretar. O trabalho desenvolvido pela equipe do diretor Marcus Faustini tem tido tanto êxito que já há uma fila de espera de 160 novos alunos para 2005. Se tudo correr como Faustini espera, esses jovens terão, a partir de abril, a possibilidade de se candidatarem a uma vaga na 1ª Escola Profissionalizante de Artes Cênicas da Zona Oeste.

O projeto, inovador para o local, está em fase de ajustes legais e vai oferecer a oportunidade de jovens de toda a região se profissionalizarem, gratuitamente, sem precisar recorrer às tradicionais escolas da cidade, localizadas no Centro e Zona Sul. “Apesar de a escola ter como objetivo principal formar profissionais de teatro, vamos seguir a agenda da Unesco e contemplares o lado humano. Os alunos terão aulas de história, literatura, filosofia e cultura popular”, afirma o diretor, que sonha com a idéia de a Escola se tornar em cinco anos uma alternativa cultural efetiva para o jovens atores da Zona Oeste.

Marcus também anuncia o 1º Reperiferia. “Será um festival de artes, com a presença de convidados internacionais, todos produzindo com intuito de repensar a periferia”. O evento deve acontecer no mês de abril, no Teatro da Cidade das Crianças.

Biblioteca – Não é somente no teatro que os visitantes do parque se encontram com a cultura. Uma biblioteca com quatro mil títulos, exposições regulares de fotografia e artes plásticas, apresentações de peças teatrais e exibição de filmes nacionais, também fazem parte do menu de opções culturais do local. Aulas de música, dança, hidroginástica, futebol, vôlei, basquete, alongamento e *skate* também são oferecidas no parque. As inscrições para estas atividades podem ser feitas no próprio local.

Serviço

Cidade das Crianças Leonel Brizola
Rodovia Rio-Santos, Km 1, Santa Cruz
Informações pelos telefones 2263-5507 e 2263-5399

O lugar da juventude na prefeitura

Site jovem é o mais **novo recurso** para professores desenvolverem trabalhos com alunos de 5ª a 8ª série

Cidadania. Esta é a palavra-chave do mais recente site publicado no portal da Prefeitura do Rio. O Site Jovem, uma criação da equipe da Secretaria Especial de Publicidade, Propaganda e Pesquisa (SEPPP), é inteiramente dedicado ao público adolescente e tem informações que tratam de educação, esporte e cultura. Segundo Vera Mangas, da SEPPP, a equipe de produção teve a preocupação em desenvolver um espaço virtual interessante e atrativo o suficiente para o jovem navegar com prazer.

Assim, informações diversas, numa linguagem simples e direta, dicas de leitura, entrevistas com personalidades, além de áreas com links para programas, projetos e empresas ligados à prefeitura ganham um formato leve e colorido que agrada ao internauta. A idéia partiu da compreensão de se priorizar a comunicação com determinados públicos. No caso dos jovens, a prática da cidadania deve ser estimulada desde cedo e nada melhor do que uma mídia como a internet para criar um ambiente propício para discussão de temas e questões da cidade, do cotidiano e de comportamento, privilegiando uma linguagem mais direta, explica Vera. O professor que quiser desenvolver com seus alunos trabalhos sobre temas ligados à juventude encontrará no Site Jovem um ótimo recurso.

O novo espaço virtual da prefeitura foi posto no ar no final do ano passado e a fase agora é de aperi-

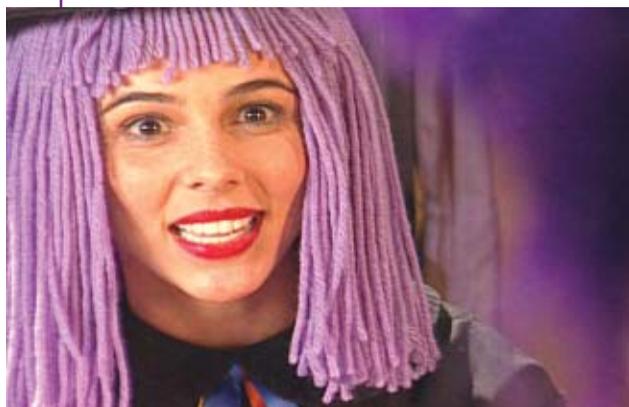
morar o conteúdo, a partir de uma avaliação junto ao público-alvo. Para isso uma nova área interativa está sendo criada. Dependendo do que for sugerido aí, novas seções serão desenvolvidas e novos temas abordados nas matérias.

Por enquanto, o Site Jovem conta com sete sessões: Se liga, Nota 10, Agenda, É fato, Esportes, Papo carioca e Fala sério. Há também uma enquete e links para os mais diferentes projetos, programas e instituições da prefeitura carioca nas áreas de Educação, Cultura, Esporte, Meio Ambiente, Saúde, Diversão e Projetos Sociais. ■



Para sua atualização

O caleidoscópio deste mês é sobre o documentário **Maria Clara Machado - a bruxa que ainda é boa** que mistura fantasia e realidade ao contar a história da saudosa diretora



REPRODUÇÃO

A história é uma viagem ao passado com um pé no presente. Numa referência à peça “A Menina e o Vento”, uma menina é levada pelo vento para dentro do Tablado, onde precisa acordar cada um dos famosos personagens da autora, falecida aos 80 anos, em 2001. A garota recorda como a mineira Maria Clara transformou a realidade do teatro carioca com a criação do Teatro Tablado. Durante a conversa com a menina, os personagens descobrem que ela é a própria Maria Clara quando criança. O especial conta também com depoimentos de pessoas que conviveram com a autora.

Aproveitar o programa e organizar um projeto de teatro com a sua turma é uma ótima idéia. Fazer teatro na escola é um aprendizado coletivo, que pode reunir alunos, professores e a comunidade. Na verdade, todos os dias, usa-se em sala de aula vários recursos da linguagem teatral, como, por exemplo, a leitura de um texto em voz alta, onde é preciso impostar a voz e mudar a entonação para manter a atenção de quem está ouvindo.

Estímulo - Trabalhar com as artes cênicas é bem simples, pois tanto os aspectos materiais quanto os teóricos são de fácil acesso e podem ser ricamente explorados no contexto escolar. As atividades cênicas aperfeiçoam a leitura, corrigem a pronúncia, aprimoram a dicção, desenvolvem a memória, a inteligência e a compreensão; estimulam o senso crítico e estético; educam o espírito e a conduta, sendo um dos maiores fatores de socialização e de desenvolvimento do espírito solidário e cooperativo. Quanto à aprendizagem, tais atividades globalizam elementos de todas as áreas do ensino e servem como elementos interdisciplinares nas atividades pedagógicas.

Ao vivenciarem os jogos simbólicos, a parte sensorial dos alunos é bastante estimulada. Além do que, nestas ativi-

Monte seu projeto de teatro

Texto - De algum escritor consagrado ou do próprio grupo, a partir de improvisações. A escolha e criação deve levar em conta o público a quem o espetáculo se destina e os valores estéticos, educacionais e sociais que o grupo quer debater.

Ensaio - Oriente o grupo nas seguintes atividades: leitura e análise do texto: observe os conflitos entre as personagens e suas características; memorização: é importante que o participante tenha consciência dos significados do texto como um todo; ensaio de marcação e ensaios um a um: faça comentários necessários para que o trabalho de cada um possa ser o melhor possível; ensaio de afinação ou ensaio corrido: processo em que todos os acertos se fazem, interpretação, adereços, inclusão de trilha musical, maquiagem, luz. É o processo final para que o espetáculo tenha ritmo.

Figurino e cenário - O figurino pode ser emprestado, adaptado ou confeccionado. Os adereços (chapéus, enfeites, objetos) e o cenário podem ser criados com a ajuda de pessoas que gostem de artes visuais ou de artesanato. O cenário deve ser seguro e nunca colocar em perigo o ator; ter funcionalidade e não atrapalhar a movimentação. Evite interromper o espetáculo para trocas de cenário. A criação de cenário e adereços deve levar em conta as características do local onde o espetáculo será apresentado.

Divulgação - O material de divulgação junto às pessoas da escola e da comunidade - convite, cartazes, programas - pode ser preparado por outros alunos e voluntários não participantes do espetáculo. Envolve nessa atividade as pessoas que gostam de expressar-se por escrito.

Apresentação - É o momento-festa em que o conjunto de criadores se confronta com o público: hora de celebração, de tensão, de ansiedade e de muito prazer.

Debate - O exercício democrático exigido por um trabalho teatral conseqüente, em suas diferentes etapas até o espetáculo, atinge sua natureza específica quando o público é chamado a participar, na condição de debatedor e companheiro do processo. Sendo sua função social, educativa e artística, o espetáculo enriquece todos os sujeitos do processo.

Fonte: www.educarede.org.br

dades, eles sentem-se felizes e à vontade, pois há regras, mas sem muitas imposições. Isto porque podem observar, questionar e atuar livremente, podendo estabelecer relações, constituir conceitos e valores, seqüências lógicas de idéias e desenvolver a individualidade por si e pelo ambiente que as cerca. Isso as torna mais responsáveis, organizadas, criativas, receptivas e questionadoras.

É fundamental que o professor construa em sua sala um ambiente acolhedor e propício às descobertas. Deve ser sensível e observador, procurando intervir apenas quando necessário e oferecer sempre que possível. Quanto à avaliação, o professor não deve estar preocupado com a aferição de uma nota ou conceito ao final das atividades criadoras, mas, acima de tudo, deve estar atento e preocupado com o processo de desenvolvimento das capacidades de expressão de seus alunos. Sua função deverá ser guiar, orientar e nutrir a inventividade e a criatividade de seus alunos.

Perfil

Maria Clara Machado nasceu em Belo Horizonte, em 1921, e chegou ao Rio de Janeiro com sua família em 1925. Começou sua trajetória nos anos 40, com o teatro de bonecos. Em outubro de 1951, junto com amigos, fundou o grupo experimental Tablado, criado para ser um grupo de teatro adulto. Mas acabou por transformar-se no espaço mais respeitado do teatro infantil brasileiro. Maria Clara foi autora de mais de 30 peças infantis. Seu maior sucesso foi "Pluft, o Fantasminha" (1955). "O Rapto das Cebolinhas", "A Bruxinha que Era Boa", "O Cavalinho Azul", "A Menina e o Vento" e "A Coruja Sofia" são outros sucessos. Recebeu vários prêmios, entre eles, dois Molière (1968 e 1981), o Prêmio Machado de Assis, concedido pela ABL (Academia Brasileira de Letras), em 1991, e o Prêmio Shell de 2000, por sua contribuição ao teatro nacional. Faleceu em 2001, aos 80 anos, no Rio de Janeiro.

Todas as dimensões da 7ª CRE

Coordenadoria **atende cerca de 12% do alunado** da cidade



A 7ª Coordenadoria Regional de Educação abrange cinco bairros da Zona Oeste do Rio de Janeiro: Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande, Vargem Pequena e Jacarepaguá - este último subdividido em 12 áreas: Curicica, Gardênia Azul, Rio das Pedras, Cidade de Deus, Freguesia, Taquara, Tanque, Praça Seca, Camorim, Anil, Pechincha e Vila Valqueire. São 112 unidades escolares, sete unidades de extensão, dois Núcleos de Arte, três Clubes Escolares, dois Pólos de Educação pelo Trabalho e 20 creches.

“Temos em nossa abrangência as áreas mais diversificadas e, geograficamente, a 7ª CRE é a maior do município. E em pleno crescimento”, conta a coordenadora Ignezita Monteiro Dantas. Ela sabe que para atender toda essa demanda é preciso uma política de incentivos. “Indiretamente atendemos até a Baixada Fluminense, pois temos nas nossas escolas muitos filhos de empregados que trabalham e dormem de 2ª a 6ª feira nos condomínios da área. Tudo isso nos encaminha para dificuldades materiais”.

Para vencer os contratempos, a 7ª CRE tem o respaldo da municipalidade, tendo em vista os projetos integrados de meio ambiente, que na área são muitos. “Temos parceiros que mostram a integração entre os diferentes órgãos da Prefeitura, o que é fundamental para o município no seu projeto de governo”, acredita a coordenadora, que

enxerga no trabalho das CREs um importante elo no sistema de transformação social que se espera em médio prazo. “Ajudamos a formar os nossos jovens, cidadãos integrados e em condições de buscar a qualidade de vida”, avalia Ignezita.

Ação - Para ela as coordenadorias fazem parte de uma engrenagem onde os eixos devem estar bem encaixados. “Atendemos alunos das mais diferentes classes e muitas famílias beirando as raias da miséria. Esta convivência materializa a verdadeira socialização. A CRE se estende e atua como parte integrante do primeiro escalão do governo municipal, daí a sua importância”. Sylvia Brazil, assistente de gabinete da 7ª CRE, completa: “Entendemos a importância de uma ação contínua, pautada numa avaliação global do trabalho, onde o nosso planejamento está voltado em ações que visam o fortalecimento da escola para um processo coletivo de aprendizagem”.

Em 2005, a 7ª CRE prevê a construção da nova escola no condomínio Barra Bali, na Barra da Tijuca, e o aumento de oferta de vagas para a Educação Infantil. “Também na Barra temos uma escola de um pavimento, plana, bem centrada e de fácil acesso, localizada dentro do Condomínio Riviera Del Fiori. Com pequenas adaptações, poderá atender a demanda cada vez maior da educação especial”, revela Ignezita. ■

Serviço

7ª Coordenadoria Regional de Educação

Coordenadora: Profª
Ignezita Monteiro Dantas
Avenida Ayrton Senna,
2001 - Barra da Tijuca -
Zona Oeste
Tels.: (21) 3325-5667 /
3325-5130 / 3325-3228 /
3325-9470 / 3325-5187
E-mail:
cre07@pcrj.rj.gov.br

8ª CRE: união e cooperação

Alunos, pais e professores sofrem com a **violência em torno das escolas**

A 8ª Coordenadoria Regional de Educação abrange os bairros de Guadalupe, Deodoro, Vila Militar, Jardim Sulacap, Magalhães Bastos, Realengo, Gericinó, Padre Miguel, Guilherme da Silveira, Bangu, Vila Kennedy, Vila Aliança, Jabour, Senador Camará e Santíssimo, localizados na região oeste da cidade do Rio de Janeiro. Engloba 146 unidades escolares, 18 creches públicas, seis creches conveniadas, três Pólos de Educação pelo Trabalho e um Clube Escolar.

“Conviver com a violência no entorno das escolas é o maior desafio e a maior dificuldade que enfrentamos no nosso dia-a-dia”, afirma o coordenador Alberio Francisco Assis de Souza Rocha. Para ele, o bom trabalho como gestor da 8ª CRE se dá por meio de uma gestão participativa, valorizando a representatividade, executando todas as ações com transparência e respeitando os princípios da ética e do bom senso. “Com isso, a 8ª Coordenadoria contribui para o bom funcionamento da rede, em consonância com a política educacional da SME”, acrescenta.

Aprensão - A funcionária Valéria Cristina faz coro com a preocupação da diretoria em relação à violência na região. “Entendemos por dificuldade maior a ansiedade por não podermos resolver a situação de violência que ronda as nossas unidades escolares e que deixam aprensivos os alunos e os funcionários que nelas atuam”, conta. “Mas, apesar disso, realizamos um trabalho em cooperação e união, sempre contando com o apoio dos elementos da equipe, para melhor desempenho de nossas funções”, completa sua colega de trabalho, Maria Isabel.



Para o próximo ano, a 8ª Coordenadoria Regional de Educação acredita na melhoria do desempenho pedagógico de seus alunos e na ampliação do atendimento em educação infantil. “Além disso, nossa meta para 2005 é a erradicação da evasão escolar. E esperamos também a construção de novas escolas e creches”, conclui o professor Alberio. ■

Serviço

8ª Coordenadoria Regional de Educação

Coordenador: Prof. Alberio Francisco Assis de Souza Rocha

Rua Biarritz, 31 - Bangu
Tels.: (21) 3331-5235 /
3331-9454 / 2401-8324 /
2401-7959

E-mail:
cre08@pcrj.rj.gov.br

O desenho na Educação Infantil

Desde os primórdios o homem procurou expressar seu dia-a-dia, seus sentimentos, em forma de desenho. Com uma preocupação estética constante, ele sempre foi dotado da capacidade de criar e de apreciar o que é belo. Na infância isso não ocorre de modo diferente. Faça um exercício com sua memória: quanto tempo ficávamos debruçados com nossos lápis e papéis?

Foi pensando nesta atividade cotidiana que me propus a refletir sobre o papel do desenho na prática escolar da Educação Infantil. Inúmeras vezes consideramos a atividade de desenhar uma oportunidade de verificação da aprendizagem ou uma espécie de paliativo para os minutos que restam para término de uma aula ou de outra atividade.

O que proponho aqui é refletir não sobre o desenho, mas a partir dele. A professora Maria Isabel F. P. Leite, em sua tese de doutorado pela Unicamp, escreve: "falta-nos, enquanto educadores, ampliar o olhar para além dos padrões e procurar ver as crianças pelo que elas têm, não pelo que lhes falta".

Quando nos referimos ao desenho nos esquecemos de refletir sobre o seu significado no momento em que foi feito. Deixamos de lado a idéia de que só produzimos o que conhecemos. Com o desenho não acontece de forma diferente. Até que ponto estamos promovendo espaços de vivências? Por que não vivenciar, experimentar antes de criar?

Passei a refletir acerca deste fato após o curso **A criança e a cultura**, promovido pela Secretaria

Municipal de Educação em parceria com a PUC-Rio. Entre as pautas, a questão do desenho da Educação Infantil. Foi então que resolvi explorar um espaço da escola pouco visitado pelos alunos: o jardim.

Lá os alunos tiveram momentos únicos de observação e interação: puderam sentir o vento, tocar nas árvores, pegar a terra; enfim, explorar o local que para eles era desconhecido. Terminada a atividade propus que ali mesmo onde estavam, com papel e giz de cera, desenhassem a partir do que tinham vivido. Os desenhos ganharam vida, tinham cores variadas, elementos dos mais diferentes, objetos pequenos, grandes, com detalhes jamais feitos em sala. Pude então perceber como é importante não desenhar, mas viver o desenho.

Pensar sobre o desenho, despir-se de pré-conceitos é fundamental. A produção do desenho é um trabalho dinâmico, elaborado, no qual a vivência da criança é o ponto de partida para a construção do imaginário. Segundo Maria Isabel F. P. Leite, a questão não é só proporcionar espaços de criação, mas sim a qualidade dessas abordagens. É perceber a criança como capaz de expressar-se de forma desafiadora.

Ver a criança como produtora de cultura é o ponto de partida para toda a prática escolar e isso implica perceber este espaço (o de produção de desenho) como um ato de liberdade e de ressignificação do mundo. Desenhos feitos de emoções, sentimentos, vivências não só deslumbram o olhar, mas encantam a alma. ■

Viviane Bomfim de Sousa, E. M. Professora Sônia Mota Molisani/10ª CRE

Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 4 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.



anote na agenda

LEITURA

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Pró-Ler), da Fundação Biblioteca Nacional, vai oferecer, de 7 a 28 de março, o curso "Conto de fadas: das origens aos nossos dias". A escritora Rosa Amanda Strausz dará as aulas, que acontecerão todas as segundas-feiras, das 13h30 às 17h30. O valor é R\$ 30. No dia 18, às 14h, um outro evento do Pró-Ler: o escritor e poeta Ricardo Cunha Lima dará uma palestra sobre poesia para crianças.

Casa da Leitura

Rua Pereira da Silva, 86 - Laranjeiras
Informações: (21) 2220-9433

EXPOSIÇÃO

O Centro de Referência da Educação Pública (CREP) promove, até 28 de fevereiro, a exposição "Trilhas e Trilhos - Memórias do Rio", composta por 31 painéis com textos e fotos que mostram o crescimento e as transformações ocorridas na Cidade do Rio de Janeiro, desde a fundação até os dias de hoje, percorrendo, inicialmente, as trilhas e, depois, os trilhos do bonde e do trem. Os alunos terão a oportunidade de assistir ao filme "Nasce uma Metrôpole", produzido pela MULTIRIO, assim como participar de jogos interativos.

CREP - Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro
Avenida Presidente Vargas, 1.314 - Centro
Informações: (21) 2253-0365

MEMORIAL

A Secretaria Municipal das Culturas convida professores e alunos a visitarem a Exposição Permanente sobre a vida do mais importante político brasileiro do Século XX, Getúlio Vargas. O passeio é uma boa oportunidade para conhecer mais sobre a história do país. As visitas de grupos podem ser agendadas para os horários de 10h e 14h30, pelo telefone 2557-9444 (com Carlos Alberto) ou pelo e-mail mgvargas@rio.rj.gov.br.

Memorial Getúlio Vargas

Praça Luís de Camões - Glória

MATEMÁTICA

A PUC-Rio está abrindo inscrições para o curso de pós-graduação *Lato Sensu* "Educação Matemática: Teoria e Prática Pedagógica". O curso pretende oferecer, preferencialmente aos professores de 5ª a 8ª séries, sugestões sobre novas formas de ensinar matemática, mais condizentes com a escola da atualidade e com as novas visões acerca do que é o saber matemático. A carga horária é de 360 horas. As inscrições vão até 25 de fevereiro, com taxa de R\$ 30,00.

PUC - Rio

Rua Marquês de São Vicente, 225 - casa XV - Gávea
Informações: 0800 90 9556

ARTES PLÁSTICAS

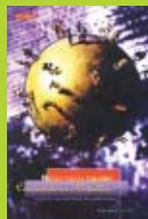
O Conjunto Cultural da Caixa está promovendo até o dia seis de março, a exposição "Asfalto, arqueologia urbana". São obras do artista plástico Renato Velasco. A entrada é gratuita e, para professores, será oferecida oficina com monitores especializados. Escolas devem fazer agendamento prévio.

Conjunto Cultural da Caixa
Avenida República do Chile, 230/anexo Centro
Informações: (21) 2262-0942

COQUETEL

O "Programa Coquetel nas Escolas" está oferecendo, gratuitamente, revistas Coquetel para as escolas públicas e particulares de todo o Brasil. Para recebê-las, basta a escola se cadastrar pelo site www.coquetel.com.br. A única despesa fica por conta da postagem. Sucesso desde sua criação na Bienal do Livro de 2001, o programa vem sendo utilizado por mais de 10 mil instituições de ensino para aumentar o rendimento dos alunos em sala, tornando as aulas mais leves e descontraídas. A quantidade de revistas recebidas, bem como a periodicidade do envio, fica a cargo da escola.

Livros



Consumidores e Cidadãos

Néstor Canclini
Editora UFRJ (2001)

Os cidadãos do século XVIII foram transformados nos consumidores do século XXI. É o que conclui Néstor García Canclini, um dos maiores pesquisadores contemporâneos da área de estudos culturais. Não se trata apenas de uma alteração de conceitos sob o desenrolar de um novo cenário cultural. A questão é saber se existe uma racionalidade pós-moderna, formada por comunidades transacionais de consumidores.



História da Sexualidade 1 – A Vontade de Saber

Michel Foucault
Editora Paz Terra (1998)

A “História da Sexualidade” tem em “A Vontade de Saber” uma introdução geral aos temas a serem posteriormente desenvolvidos, integra o grande projeto de uma arqueologia dos saberes e uma genealogia dos poderes da sociedade contemporânea.



História da Sexualidade 2 – O Uso dos Prazeres

Michel Foucault
Editora Paz Terra (1987)

Neste volume, Foucault realiza uma interpretação das concepções sobre sexualidade na Grécia clássica, a partir dos textos de seus dramaturgos, historiadores e filósofos. Ele analisa como se formou o “homem do desejo” e coloca importantes questões sobre a formação da moral.



História da Sexualidade 3 – O Cuidado de Si

Michel Foucault
Editora Paz Terra (1987)

Foucault vai até a Antiguidade clássica, do império greco-romano, durante os dois primeiros séculos de nossa era, para investigar as reflexões morais sobre o sexo, a relação com o precursor da moral cristã - o prazer sobre profundas alterações, ganhando força o ideal de suportar a privação do sexo, limitando-se seu uso ao casamento e à procriação.

Filmes



Marina

(Brasil, 2003, curta, 15min)

Direção de Isabel Diegues

Marina e Pedro eram amigos e viviam contentes, protegidos pela infância. Até que o mundo dos adultos descobre uma mulher nos doze anos de Marina.

Vídeos



Programa Abrindo o Verbo - MULTIRIO

Programa 7 – Sexo e mídia

Programa 10 – Consumo

Programa 15 – Mídia